Dia 27 — O Beato João, Abade de Gorze, na Lorena

O beato João, cuja vida é perfeito modelo da profissão religiosa, nasceu ao mundo perto do fim do nono século em Vandières, povoado pequeno entre Metz e Toul. Seu ancião pai, conhecido e estimado em todo aquele país não menos por sua grande honradez que por suas grandes riquezas, resolveu não poupar meio algum para a boa educação de seu filho; mas, como o havia tido numa idade muito avançada, não pôde resolver-se a afastar de si nem a perder de vista aquele que era todo o consolo de sua venerável ancianidade.

Deu-lhe dentro de casa os mais hábeis mestres que pôde encontrar; mas, embora João fosse de excelente engenho, fez muito poucos progressos, porque a nímia indulgência de seu pai tudo estragava. Conheceu-o o bom velho e, para não malograr tão belas disposições, determinou-se por fim a tirá-lo de casa e a enviá-lo a estudar em Metz. Mas, morto seu pai e tendo-se casado de novo a mãe, que havia ficado viúva muito jovem, João viu-se obrigado a restituir-se à casa paterna, tanto para cuidar de dois irmãozinhos que tinha como para recolher os grandes bens que seu pai lhe havia deixado. Cuidou de uns e de outros com tanto juízo, com tanta habilidade e com tanta economia que adiantou muito os interesses da família.

A exemplar virtude que mostrou no mais florido da idade, junta com o singular gênio e a grande destreza que descobriu para o manejo dos negócios, deram-no logo a conhecer e a estimar de quantas pessoas de distinção havia na província. O conde Riquino teve-o algum tempo em sua casa, e Dadão, bispo de Verdun, um dos prelados mais santos e mais sábios daquele tempo, honrou-o com sua amizade e com sua estima.

Fizeram-no administrador e mordomo da igreja de Fontenay, lugarejo imediato aos arrabaldes de Toul, com cuja ocasião travou conhecimento com o diácono Bernier, homem de exemplar virtude e de acreditada sabedoria, e na escola de tão hábil diretor fez grandes progressos na ciência da salvação.

Gostava muito de tratar com pessoas virtuosas, em cujo utilíssimo comércio se inflamavam cada dia mais os ardentes desejos que tinha de ser santo; mas nada contribuiu tanto para isto como o que viu e ouviu em certa ocasião a uma donzelinha chamada Geisa, pensionista no mosteiro de São Pedro de Metz, sob a condução e direção de uma tia sua, religiosa no mesmo mosteiro.

Tendo precisão de falar a esta senhora, reparou num cilício que por debaixo da roupa se descobria à sobrinha, tendo-se esta descuidado em ocultá-lo, não sem particular providência do Senhor. Admirado de ver numa senhorita tão terna e tão delicada aquele áspero instrumento de penitência, perguntou-lhe o que era aquilo. Ficou ruborizada e como muda a virtuosa donzela; mas,

estreitando-a nosso santo para que lhe declarasse o que era o que trazia debaixo da roupa: — Senhor — respondeu-lhe Geisa —, é um cilício; e não vos admireis desta libré. Aqui servimos a um amo pouco conhecido do mundo. Como vivemos unicamente para o céu e só pensamos em agradar a Jesus Cristo, olhamos com horror as vaidades e os entretenimentos do século: não cuido, pelo que a mim toca, de outra coisa que de minha salvação.

Admirado João do que acabava de ouvir, levantou os olhos ao céu e, desfazendo-se em lágrimas de ternura e de dor, exclamou dizendo: É possível, Senhor, que uma menina me haja de ensinar o que devo fazer? É acaso o céu de mais subido preço para esta alma inocente que para mim, que sou tão grande pecador? Eu sirvo ao mesmo Deus, creio as mesmas verdades, professo o mesmo Evangelho: e em meio disto tenho uma vida tão regalada e tão deliciosa! Não pôde dizer mais, porque lhe embargaram a voz os soluços e os desenganos de que estava santamente preocupado; e, despedindo-se cortesmente daquelas senhoras, retirou-se a sua casa com resolução de esconder-se o mais cedo que pudesse em alguma solidão, para atender unicamente ao negócio de sua eterna salvação.

Pôs-se logo sob a direção de dois eclesiásticos de singular virtude; mas, tendo notícia de que perto de Verdun havia um santo eremita chamado Humberto, que fazia reviver em sua pessoa as virtudes e os rigores dos antigos anacoretas, foi buscá-lo e entregou-se totalmente a seu governo. Fez confissão geral de todos os pecados de sua vida e deu princípio à penitência, proibindo-se para sempre a comida de carne e jejuando com rigor todos os dias.

Chegou depois a seus ouvidos a reputação do famoso solitário da floresta de Argonne, por nome Lamberto, e determinou mudar de mestre na vida espiritual, parecendo-lhe que ainda não fazia bastantes progressos nela. Com efeito, achou em Lamberto um homem santo, mas de uma virtude tão agreste e tão sem método que, depois de ter passado em sua companhia alguns meses e ter tirado de sua vida interior o que lhe pareceu praticável, teve devoção de ir a Roma em companhia de Bernácer, beneficiado da igreja de São Salvador de Metz e eclesiástico de piedade nada comum.

Depois de ter cumprido com sua devoção nos sepulcros dos santos apóstolos São Pedro e São Paulo, passou a visitar o monte Gargano, o monte Cassino e os solitários do monte Vesúvio, para conformar sua vida ao exemplo daqueles grandes modelos e para aprender deles o caminho mais seguro da perfeição.

Restituído à França, voltou segunda vez à companhia de Humberto nas vizinhanças de Verdun, e ambos formaram a ideia de um novo gênero de vida ascética e monástica; e, enquanto o Senhor lhes facilitasse a execução, dedicou-se João ao mais perfeito exercício de todas as virtudes, sendo sua vida uma contínua série de jejuns, de vigílias, de penitências, de meditação e de oração.

A fama de uma vida tão pura, tão retirada e tão penitente atraiu a sua ermida grande número de pessoas desejosas de servir a Deus entregando-se a sua direção e governo, sendo entre estes novos discípulos o mais ilustre Einoldo, arcediago de Toul, o qual, movido do exemplo do servo de Deus a quem visitava com frequência, vendeu tudo quanto tinha, distribuiu o preço aos pobres, resignou todos os seus benefícios e, juntando-se a João e a Humberto, resolveu seguir aqueles que até ali havia admirado.

Vendo João o número e o fervor de seus novos discípulos, persuadiu-se de que era já chegado o tempo de pôr em execução o que tanto tempo havia tinha meditado e determinou passar à Itália, com seus queridos companheiros, para buscar nela algum deserto.

Soube-o Adalberão, bispo de Metz e, desejoso de detê-los em seu bispado, ofereceu-lhes dentro dele qualquer sítio que elegessem. Eles lhe pediram a abadia de Gorze, persuadidos de que não a concederia; mas a facilidade com que condescendeu a seu pedido lhes deu a conhecer ser vontade de Deus que o servissem naquele deserto. Entrou João nele com seus companheiros no ano 933 e, como fugia cuidadosamente de tudo quanto podia ter alguma sombra de dignidade, dispôs as coisas de maneira que elegeram Einoldo por abade. Achavam-se na abadia alguns monges antigos, que abraçaram gostosos a nova reforma; e dentro de pouco tempo concorreram de todas as partes muitos pretendentes, à fama do fervor e da reputação do novo mosteiro. Cedeu João todo o seu rico patrimônio em favor da abadia, depois de ter persuadido seus dois irmãos a que fizessem o mesmo com suas legítimas e a que se retirassem também a ela.

Todos o veneravam como a pai e fundador daquela religiosa reforma; só ele se considerava como o último do mosteiro, parecendo-lhe que com sua tibieza e com sua indignidade era o descrédito dos demais monges.

Era severíssimo consigo mesmo. Fora do emprego de mordomo, que lhe haviam encomendado, encarregou-se voluntariamente dos ofícios mais humildes da cozinha e da padaria, sem dispensar-se jamais por isso de ato algum da comunidade. Levantava-se indispensavelmente às matinas da meia-noite e nunca voltou a deitar-se depois delas. Toda a aspereza a reservava para si; com os demais era tão aprazível e compassivo que não tinha maior gosto que aliviar a todos e prevenir, se podia, suas necessidades.

O imperador Otão I, enviando uma embaixada ao rei dos mouros da Espanha, quis que João fosse à frente dela, e ele não o resistiu com a esperança que teve de que talvez se lhe ofereceria ocasião de derramar seu sangue pela fé de Jesus Cristo. Desempenhou este honorífico encargo com toda a destreza e com toda a dignidade que se podia esperar de um dos homens mais hábeis e mais santos de seu tempo. Restituído a seu mosteiro, nomearam-no abade e imediato sucessor de Einoldo, que acabava de pagar o comum tributo à natureza. Não é possível expressar em poucas palavras os extraordinários exemplos de observância, de humildade e de devoção que deu a seus monges nos treze anos que os governou, ao cabo dos quais, consumido de trabalhos, mas muito mais de espantosas penitências, morreu da morte dos justos no dia 27 de fevereiro do ano de 973, em cujo dia fazem menção dele os martirológios.

Martirológio Romano

Em Roma, a festa dos santos mártires Alexandre, Abúndio, Antígono e Fortunato.

Em Alexandria, o martírio de São Juliano, o qual, estando tão atacado da gota que nem podia andar nem ter-se em pé, foi levado numa cadeira diante do juiz por dois criados, ao mesmo tempo que se

apresentavam eles; mas um renunciou a fé, e o outro, chamado Euno, perseverou com Juliano em confessar a Jesus Cristo; ambos foram montados sobre camelos e passeados por toda a cidade; por fim, despedaçados a açoites, foram queimados numa grande fogueira à vista do povo.

Ali mesmo, São Besas, soldado, que, esforçando-se a reprimir os insultos dos que zombavam daqueles santos mártires, foi acusado ao juiz e, tendo combatido valorosamente pela fé cristã, foi decapitado.

Em Sevilha, na Espanha, a festa de São Leandro, bispo desta cidade, por cuja pregação e indústria, ajudando-o Recaredo, rei dos visigodos, esta nação ariana se converteu à fé católica.

Em Constantinopla, os santos confessores Basílio e Procópio, os quais defenderam animosamente no tempo do imperador Leão o culto das santas imagens.

Em Lyon, na França, São Baldomero, varão de Deus, cujo sepulcro é honrado com frequentes milagres.

Missa (oração)

A missa é do comum dos abades, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Joannis abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão do bem-aventurado abade João nos torne gratos à vossa Majestade, para conseguir por sua intercessão o que não podemos por nossos merecimentos: Por nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina...

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do livro do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”) e é a mesma do dia 7.

Eclesiástico 45,1-6

>

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Nota

«Tendo-se aplicado Jesus, filho de Sirach, a meditar a lei de Deus e a instruir-se nos livros sagrados, quis ele mesmo escrever o que pertencia à doutrina e à sabedoria, para que, lendo este livro, os que desejam aprender se apliquem mais e mais à consideração de suas obrigações e se confirmem numa vida regulada pela mesma santa lei de Deus. Assim o previne no prólogo o neto do autor, que foi quem cuidou de dar à luz esta obra; e, como os exemplos são mais eficazes que os discursos, refere este capítulo as virtudes de Moisés e dos antigos patriarcas, fazendo elogio deles, como se deixa reconhecer na epístola do dia.»

Reflexões

Dilectus Deo et hominibus, cujus memoria in benedictione est. Pouca falta faz a estima dos homens a quem logra ser estimado de Deus. Bem pode consolar-se daquela perda quem consegue este outro ganho. Se Deus está a meu lado, diz o Apóstolo, que falta me fazem os demais, ou a quem tenho que temer? Segue a desgraça muito de perto os favorecidos, para que possam invejá-los os que aspiram a coisa mais sólida e mais nobre que a uma nuvem brilhante, a um relâmpago que resplandece e se apaga logo. Onde, meu Deus, se poderá encontrar nem bem que seja real, nem glória que seja sólida, nem felicidade que seja verdadeira, senão em vossa amizade e em vossa graça? Não devia discorrer de outra maneira quem tem algum rastro de religião; mas discorrem, mas pensam assim hoje a maior parte dos cristãos? Pouco ou nenhum apreço se faz do que se perde com pouca ou nenhuma dor.

Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum: engrandeceu-o o Senhor e o fez semelhante na glória aos santos. Desenganemo-nos: a verdadeira glória só se encontra na santidade verdadeira. Ainda que Moisés tivesse feito maiores prodígios que os que fez, poderia chamar-se glorioso se tivesse condenado, se por toda a eternidade lhe tivesse tocado o inferno por herança? Conservou-se Moisés na graça de seu Deus, e o Senhor o fez semelhante aos santos; este foi seu mérito, e esta foi sua glória. Ainda que sejas favorecido, ainda que sejas honrado dos maiores reis da terra; ainda que consigas as mais assinaladas vitórias dos inimigos do estado; ainda que teu nome voe em asas da fama por todas as nações do universo; ainda que sejas o monarca mais poderoso do mundo: de que servirá tudo isso se por fim te condenas?

Por muitas vezes que faças estas reflexões, nunca estarão de sobra, nem é possível fazer outras que sejam mais importantes. Cheios estão delas todos os livros sagrados; e mal acertam a falar-nos outra linguagem. Por mais obscurecida, por mais desordenada que esteja no mundo nossa própria razão, também sente, também conhece o mesmo, mas nossos costumes dizem todo o contrário. Confessemos, pois, que quem deixa de ser bom cristão deixa de ser racional. Não se pensa nem se discorre com acerto senão quando se discorre e quando se pensa regulando-se pelas luzes da fé. Mas ai, meu Deus! De que servirá confessar que é inegável o que agora se está lendo, se não se tira outro fruto da leitura que esta inútil confissão?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus e é o mesmo do dia 7.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** 27 Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? 28 Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. 29 Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: 27 Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? 28 E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. 29 E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Da liberalidade com que Deus premia os que o servem

Primeiro ponto

Considera com que liberalidade premia Deus tudo o que se faz por seu amor. Inspirações salutares, auxílios especiais, graças superabundantes, o preço dos méritos e do sangue de um Deus homem, dons sobrenaturais muito mais preciosos que todo o mundo junto: tudo isto costuma ser prêmio de uma só obrazinha de caridade, de um só ato de amor de Deus, de um só desejo de uma alma justa.

Dir-se-ia que esquece Deus os infinitos benefícios que nos fez, logo que damos ocasião, por assim dizer, de fazer-nos outros novos com nossa fidelidade e nossa boa correspondência em seu serviço. Quando dá os talentos, dá também os meios e a indústria para beneficiá-los; e, se se adiantaram dois, ele recompensa com quatro. Toda a Escritura está cheia de parábolas e de exemplos que acreditam a liberalidade com que recompensa o Senhor os mesmos dons que ele nos comunica.

Mas com que desvelo atende às necessidades de seus servos! Que milagres não faz em favor dos que o seguem! Vão em seu seguimento as turbas e, esquecidas do alimento corporal, só têm fome de suas divinas instruções. Que maravilhas não obra para que nada lhes falte!

Quia in pauca fuisti fidelis, super multa te constituam: porque foste fiel no pouco, eu te premiarei com muito. Que proporção há entre o trabalho e o salário, entre o mérito e o prêmio! Quando se trata de recompensar nossos serviços, não consulta Deus senão a seu bizarríssimo coração.

Mas que serviços podemos alegar a respeito de Deus? Porventura quanto podemos fazer não estamos essencialissimamente obrigados a fazê-lo? Não é sobrado prêmio, não é sobrada recompensa ter a honra de estar em seu serviço? Contudo, Deus quer admitir-nos por mérito o cumprimento de nossas obrigações e se digna destinar uma recompensa infinita à mais ligeira prova de nossa devida obediência. Por termos estado prontos a sua voz, por termos dado em seu nome um copo de água, por termos-lhe tributado nossos respeitos, a recompensa é um paraíso sem fim, uma bem-aventurança eterna, a mesma felicidade do mesmo Deus. Oh, e quanta verdade é que Deus tudo premia como Deus! E em meio de tudo isto, divino Salvador meu, será possível que me dedique a servir a outro dono!

Segundo ponto

Considera que, ainda que Deus não fizesse mais que dar-se por bem servido de que o servíssemos, ficariam nossos serviços sobejamente recompensados. Na corte, no serviço dos grandes, quantas vezes não se recebe outra recompensa? Debilitou-se a saúde, perdeu-se a vida, arruinou-se a casa em serviço de um monarca, e uma palavra de agasalho, um olhar benigno vale um elogio, e não

poucas vezes se reduz a só isto todo o prêmio; mas, pelo contrário, o mais ligeiro ato de mortificação, o mais leve sacrifício de um momento, um nada que se faça ou que se padeça por Deus, no mesmo instante é recompensado com uma assombrosa abundância de bênçãos: Jesus Cristo, no dia da conta, não quer fazer memória senão das coisinhas mais comuns, das de menos resplendor e menos ruído, das mais fáceis.

Grande Deus, uma torrente de delícias, oceanos imensos de consolo, uma felicidade eterna e infinita por um maravedi que pus em vosso tesouro, por uma visita que fiz a um pobre enfermo, a um encarcerado, por um ato de religião que não omiti, quando estava obrigado a fazê-lo sob gravíssimas penas; e, como se tudo isto fosse pouco, como se não fosse bastante, obrigais-vos a ser vós mesmo minha recompensa! *Ego ero merces tua magna nimis.* Ó meu Deus, e depois de tudo isto tendes tão poucos que vos sirvam! E se acham tantos a quem custe grande trabalho o servir-vos! E se encontram muitos que são tíbios, que são negligentes, que estão desgostados em vosso serviço! Temos fé? Estamos bem instruídos no que nos ensina nossa religião?

Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te. Senhor, dizia São Pedro, vede aqui que tudo temos deixado e que vos temos seguido. Na verdade, não haviam deixado muita coisa! Uma barca carcomida e umas redes velhas; e contudo, que prêmio tão imenso! Abundância de dons do Espírito Santo, favorecidos privilegiados de Deus vivo; ainda não basta: sentar-se ao lado do mesmo Jesus Cristo para julgar todos os mortais e, à frente dos escolhidos, seguir a Cristo na glória. Ó grande Deus, e quão liberalmente recompensais os que vos amam! Ó, e quanta razão tiveram os santos em servir-vos com tanto alento e com tanta fidelidade!

E, para que não se pensasse que esta divina liberalidade se limitava unicamente aos apóstolos, acrescentou imediatamente: Qualquer que por meu amor deixar sua casa e seus irmãos; isto é, qualquer que me amar com ternura, que me servir com fidelidade, que guardar meus mandamentos com perseverança, eu serei seu prêmio e sua recompensa por toda a eternidade. Sim, nem um só passo que se dê por Deus será esquecido; nem um só cabelo que seja arrancado por seu amor deixará de ser contado para o prêmio; nem uma só ação exterior, nem um só ato interior que tenha a Deus por motivo ficará sem recompensa. Ó liberalidade! Ó prodigalidade divina, e quanto nos confundes!

Que dor, meu Deus, que desesperação será a minha por não ter querido servir a um amo tão liberal, que conta por serviços os desejos! Isto está feito, eu vo-lo prometo com toda a sinceridade que me é possível: amar-vos-ei toda a vida, servir-vos-ei até o derradeiro alento com a maior fidelidade.

Jaculatórias

> *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ, Domine, quam abscondisti timentibus te!* Sl 30.

Quão grande é, Senhor, a doçura que tendes reservada para os que vos temem e para os que vos amam!

> *Dominus pars hæreditatis meæ, et calicis mei.* Sl 15.

Vós, Senhor, sois minha herança e o prêmio de tudo o que fizer e padecer por vós.

Propósitos

1. Embora um Deus tão bom e tão amável devesse ser servido por puro amor e sem o menor interesse, contudo não é incompatível com a verdadeira virtude o fim da recompensa; antes serve para avivar nossa confiança e para animar nosso fervor. *Inclinavi cor meum ad faciendas justificationes tuas in æternum, propter retributionem*, dizia o profeta Davi: Embora vossos divinos preceitos sejam todas as delícias de meu coração, com tudo isso este se inclina também a guardá-los perpetuamente pelo prêmio que prometeis aos que fielmente os guardam. Em todos os tempos é útil esta prática, mas sobretudo em certas ocasiões em que o amor-próprio se queixa do jugo do Senhor, em que as paixões fazem mais ruído e em que o tentador emprega seus artifícios e suas máquinas. Tem-te oprimido essa vida retirada, modesta, uniforme e regrada; teu gênio e tuas paixões quereriam estar mais a suas anchuras; sentes não sei que tédio, não sei que repugnância aos exercícios espirituais: imagina que Cristo, que a santíssima Virgem, que o santo anjo de tua guarda te dizem o que aquela generosa mãe dizia ao menor de seus filhos à vista dos tormentos que lhe estavam preparados: Eu te rogo, filho meu, que voltes os olhos para o céu e que consideres a grandeza do prêmio que te está prometido e a rica coroa que te espera. Quando te pareça que se te esfriou a devoção, quando te achares nessas temporadas de securas espirituais, nessas adversidades, em meio dessas cruzes que brotam necessariamente em todos os estados, dá de quando em quando algumas olhadas para o céu e pensa naquelas belas palavras do Apóstolo: Nossas tribulações, que se passam num momento e são em si tão ligeiras, nos produzem um peso eterno de glória, em grau tão excelente que é superior a todo merecimento. Procura adquirir uma espécie de costume de olhar ao céu e de considerar o prêmio que nele te aguarda.

2. Posto que Deus tudo premia, não lhe negues coisa alguma. Bem pouco é o que te pede; mas este pouco te pede muitas vezes. Essa pontualidade em levantar-te, essa exatidão na oração, esse respeito ao santo templo, essas frequentes visitas ao Sacramento, essa privação de certas visitas inúteis quando não sejam perigosas, esse abster-te do jogo e de certas diversões, essa obra de misericórdia, essa curta esmola, esse ato de virtude: tudo isto é bem pouco, e o prêmio disto são grandes graças, abundantes bênçãos temporais, glória eterna e o mesmo Deus. Não se passe dia algum em que não possas dizer: Senhor, vede aqui o que fiz por vós neste dia.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:24 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:25 by Admin